

# ESPAANHOL E PORTUGUÊS EM CONTATO: O ATRITO DA L1 DE IMIGRANTES ESPAANHÓIS NO BRASIL

María Carolina Calvo Capilla

Não é estranho ouvir de imigrantes hispanofalantes estabelecidos no Brasil desde longa data frases como “o meu espanhol agora é muito ruim” ou “já não falo nem espanhol nem português, mas portunhol”. O fenômeno que está por trás destas afirmações não é outro que o atrito, um processo de erosão lingüística que é sentido na maioria das ocasiões como uma verdadeira perda.

Segundo Cavalcanti<sup>1</sup> existe uma tendência muito estendida a considerar a língua e a cultura como algo estático, ligado à essência. Mas a linguagem humana é dinâmica por natureza e ao longo da vida não só ganhamos competência lingüística nos processos de aquisição, mas também a perdemos no caso do atrito<sup>2</sup> ou perda lingüística, tema deste artigo. De fato, como a própria Cavalcanti afirma, não há na realidade perdas ou assimilações, mas mudanças lingüísticas.

De acordo com esta visão, o atrito lingüístico faz parte das mudanças normais que se produzem na competência ao longo do tempo. Surgiu como área de estudo nos anos 80 e pode ser considerado um sub-campo do Bilingüismo ou dos estudos de Contato de Línguas, englobado, portanto, na Lingüística Aplicada.

O objetivo deste artigo é apresentar o fenômeno do atrito lingüístico, tomando como base a pesquisa<sup>3</sup> realizada pela autora em 2006, dentro do programa de mestrado em Lingüística Aplicada da Universidade de Brasília. Dita pesquisa explora esse atrito ou erosão lingüística (as mudanças, em outras palavras) que se produz na língua materna (L1) de imigrantes hispanofalantes espanhóis adultos residentes no Brasil e proficientes em português, que é, por conseguinte, a L2, a língua do contexto. Pretende-se, com isso, compreender melhor um fenômeno, o de línguas em contato, que aumenta ao mesmo ritmo da globalização. O Brasil, geograficamente rodeado por países hispanofalantes, não escapa a essa tendência e se integra cada dia mais ao seu entorno. O Mercosul é só um exemplo desse processo, que ultrapassa o âmbito puramente econômico ou político.

Os participantes na pesquisa são, portanto, bilíngües, cujo comportamento lingüístico nos permite observar a relação que existe entre duas línguas no mesmo indivíduo. Segundo Cook (2000, p. 1) “transferência é uma das palavras que têm sido usadas para apreender essa relação”<sup>4</sup>; mas transferência há nas duas direções, como já apontava Weinreich em 1953<sup>5</sup> no seu *Languages*

---

<sup>1</sup> Um olhar meta-teórico e meta-metodológico em pesquisa em lingüística aplicada: Lendo a teia onde me enredo em suas implicações éticas e políticas. Palestra no II ENCONTRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA DA REGIÃO CENTRO-OESTE (ELARCO), Brasília, 17 nov. 2005.

<sup>2</sup> Com este termo traduzo o inglês *attrition*.

<sup>3</sup> Apresentada como dissertação de mestrado em fevereiro de 2007: CALVO CAPILLA, M.C. **Espanhol e português em contato: o atrito da L1 de imigrantes espanhóis no Brasil**. Brasília, 2007. 173 f. Dissertação de mestrado – Universidade de Brasília.

<sup>4</sup> Esta citação, como as demais originárias de outras línguas, é tradução nossa. O original é: “*Transfer is one of the words that has been used to capture this relationship*”.

<sup>5</sup> Nas referências aparece a 6ª reimpressão de 1968. As suas palavras são: “*Those instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals (...) as a result of language contact, will be referred to as INTERFERENCE phenomena*” (grifo nosso, WEINREICH, 1968, p. 1).

*in Contact*. Porém, até o momento, grande parte das pesquisas tem focalizado os efeitos da L1 sobre a L2, isto é, as transferências (ou interferências<sup>6</sup>) numa direção só, L1 > L2. Esta pesquisa, pelo contrário, se propõe estudar os efeitos da L2 sobre a L1 dos participantes, as interferências L2 > L1.

## 1. Introdução: que é o atrito?

O primeiro problema que aparece quando tentamos delimitar o fenômeno do atrito é que não existe acordo sobre uma definição provada, consistente. Como afirmam Köpke e Schmid (2004, p.1-2), após mais de 20 anos de pesquisa, as perguntas superam as respostas. De fato, segundo Schmid (2004, p. 239) as conclusões de alguns estudos não permitem afirmar com certeza que uma L1 plenamente adquirida possa chegar a experimentar um atrito significativo.

Para Hamers e Blanc (2000, p. 76-7) o atrito é um processo de regressão lingüística que forma um continuum, desde leves problemas de acesso até a perda total de uma língua. Na sua opinião, esta última só é possível no caso de crianças imigrantes de pouca idade ou como consequência de uma patologia. Mais comum seria o que eles chamam de atrito ambiental, no qual o uso restringido da L1, produto da aquisição e utilização da língua do ambiente, a L2, leva à perda parcial de certos aspectos da L1. Essas perdas podem ser supridas com elementos da L2. Porém, como os autores mencionados afirmam, o atrito não deve ser confundido com a mistura de código. Esta é desencadeada pelo contexto social, o atrito, pelo contrário, ocorre até em contextos monolíngües.

Por outro lado, em muitos casos a palavra “perda” não chega a refletir o processo de mudança que o atrito produz na L1. Esse processo se manifesta na forma de desvios da norma<sup>7</sup>, decalques léxicos e semânticos da L2, mudanças morfossintáticas, manifestações nas quais Seliger (1989, p. 175; 1991, p. 238), entre outros, considera que existe uma parte de criatividade importante que permite o desenvolvimento de novas regras. De fato, como afirma Sharwood Smith (1983, p. 226) “o falante nativo ou ex-falante nativo pode acabar com um conjunto de recursos enriquecido, combinando o melhor de ambos os sistemas”<sup>8</sup>.

Na opinião de Sharwood Smith (1989, p. 186) aquisição e perda lingüística (isto é, atrito da L1) aparecem como processos relacionados e opostos. Em outras palavras, estaríamos contrapondo fenômenos de expansão versus diminuição, de complicação versus simplificação.

O termo atrito tem origem na área da Geologia e refere-se à erosão que sofre a crosta terrestre pela ação de agentes externos como a água e o vento. Trata-se, portanto, de um desgaste causado pela fricção. De acordo com Schmid (2006), isso nos indicaria que no começo o atrito lingüístico era visto como a ação desgastante de uma língua sobre outra.

---

<sup>6</sup> De fato, o termo usado por Weinreich é interferência (cf. nota precedente). Alguns autores como Brown (2000, p. 94) distinguem entre transferência e interferência, mas, geralmente na literatura, os termos fazem referência ao mesmo fenômeno: a introdução de elementos ou propriedades de uma língua em outra (RASO, 2003, p. 1).

<sup>7</sup> Com este termo se alude ao que outros autores denominam “erros” (ing. *error*, SCHMID, 2004 e KÖPKE, 1999, entre outros), “mudanças” (ing. *changes*, SILVA-CORVALÁN, 1994) ou “variantes de contato” (fr. *variantes de contact*, PY e GROSJEAN, 2002). É similar ao empregado por Seliger (1989) e Sharwood Smith (1989) ing. *deviant forms*. “Desvio da norma” é a tradução do inglês *deviation from the norm*, utilizado por Weinreich (1968, p. 1) na sua conhecida e já mencionada (nota 5) definição de interferência.

<sup>8</sup> “*The native speaker or ex-native speaker may end up with an enriched set of resources by combining the best of both systems*”.

Para Köpke e Schmid (2004, p. 5) o sentido estrito de atrito é “a redução não patológica<sup>9</sup> da proficiência numa língua previamente adquirida por um indivíduo, isto é, perda intrageneracional”<sup>10</sup>, sendo este o campo de estudo da presente pesquisa. Na opinião das mesmas autoras, o atrito deve ser distinguido de fenômenos sociais como mudança, substituição<sup>11</sup>, perda e morte lingüística (ing. *language change, shift, loss and death*) que se produzem em comunidades bilíngües ao longo de várias gerações.

Também deve ser diferenciado da aquisição incompleta, fenômeno que se observa com frequência em crianças que adquirem duas (ou mais) línguas de forma simultânea. Muitos destes bilíngües têm uma exposição insuficiente a uma das línguas na infância, tanto em termos de quantidade como de qualidade, ou carecem da continuidade de *input* necessária para alcançar a proficiência plena<sup>12</sup>.

## 2. Causas do atrito: internas ou externas?

De modo geral, o atrito da L1 em um ambiente de L2 é um processo no qual a falta de contato com a L1 leva a uma redução na proficiência desta língua (SCHMID; DE BOT, 2004, p. 210). Seliger e Vago (1991, p. 4) alvitram uma outra definição: a L1 é enfraquecida pelo aumento de uso e função da L2. Ambas as definições podem ser consideradas complementares e apontam as duas causas para o atrito que identificam Sharwood Smith e van Buren (1991, p. 22): a privação de *input* da L1 e a influência interlingüística (ing. *crosslinguistic influence-CLI*) de outra língua que está sendo adquirida e usada.

Existe uma controvérsia sobre qual seria o fator mais importante como desencadeador do atrito, a falta de uso ou a influência da L2. Porém, a única circunstância que permitiria verificar que a falta de uso é causa suficiente seria a situação do sobrevivente a um naufrágio numa ilha deserta proposta por Sharwood Smith e van Buren (1991, p. 22): um falante nativo sem oportunidade de ler ou ouvir a sua L1, de se comunicar com outros falantes nativos e de interagir em uma outra língua. Mas essa situação, que para os autores mencionados é a mais “pura”, senão impossível, é quando menos bastante improvável e, por razões óbvias, difícil de se estudar. A situação normal que estamos em condições de observar é mais complexa e envolve não só falta de exposição à L1, mas também o segundo fator citado, a exposição a uma L2. Em outras palavras, trata-se de uma situação de bilingüismo.

Do exposto no parágrafo anterior, se deduz que ambos os fatores, um interno, a falta de uso, e outro externo, a influência da L2, devem influir em maior ou menor medida no desencadeamento do processo de atrito. Assim, autores como Seliger e Vago (1991, p. 7-10) e Silva-Corvalán (1994, p. 92, 133), entre outros, distinguem entre motivos internos e externos. Essa distinção permite classificar os desvios da norma ou erros que aparecem na L1 dos falantes atingidos pelo atrito em dois tipos: intralingüais, devidos a causas internas, e interlingüais, devidos a causas externas, isto é, a influência da L2. Entre os primeiros estão fenômenos como a simplificação, a hipergeneralização e a regularização; entre os segundos se contam a transferência ou interferência e a convergência.

---

<sup>9</sup> Diferente, portanto, da perda lingüística patológica ou afasia, originada por lesões cerebrais.

<sup>10</sup> “... the non-pathological decrease in proficiency in a language that had previously been acquired by an individual, i.e. intragenerational loss”.

<sup>11</sup> Substituição lingüística e mudança lingüística são termos diferentes e não devem ser confundidos, embora estejam relacionados de forma estreita. Weinreich (1968, p. 236-243) descreveu a substituição lingüística (ing. *language shift*) como a troca ou deslocamento de uma língua de uso habitual por uma outra.

<sup>12</sup> Montrul (2002).

Não obstante, como lembram Schmid e de Bot (2004, p. 212-3), em muitas ocasiões é difícil distinguir entre mudanças devidas à influência da outra língua e aquelas produzidas por modificações dentro do próprio sistema. Neste sentido, Silva-Corvalán (1994, p. 2) aponta que a inclinação teórica do linguísta vai determinar o peso que confere às causas internas ou externas. Desse modo, surgem dois modelos teóricos: a teoria da simplificação, que privilegia os fatores internos, e a teoria da transferência ou influência interlingüística, que focaliza um dos fatores externos<sup>13</sup>, a influência da L2.

## 2.1 A teoria da Simplificação

Esse modelo é frequentemente usado em estudos de enfoque sociolingüístico que se ocupam do atrito intergeracional em grupos ou comunidades. Dentre essas pesquisas, duas são especialmente relevantes para o nosso tema: a de Py e Grosjean (2002) sobre o espanhol falado em comunidades de imigrantes espanhóis na Suíça francófona, e a de Silva-Corvalán (1994) sobre a variedade de espanhol das comunidades mexicanas em Los Angeles. Em ambos os casos, o atrito é visto como uma forma de mudança lingüística acelerada num indivíduo ou numa comunidade (SCHMID; DE BOT 2004, p. 213). Segundo Silva-Corvalán (1994, p. 92), muitas das mudanças têm uma causa interna dado que já estavam em andamento na “variedade monolíngüe” antes de se produzir o contato. Não obstante, também admite a existência de modificações produzidas pela influência da L2.

Já no caso de Py e Grosjean (2002, p. 23) a influência da L2 aparece como a principal fonte das mudanças, mas coincidem na visão do atrito<sup>14</sup> como promotor da mudança lingüística. Assim, consideram que as que denominam “variantes de contato”<sup>15</sup> (interferências) podem revelar tendências profundas do sistema e ilustram “um estado transitório numa competência mutável”<sup>16</sup>. O processo de reestruturação da competência que implica aprender uma L2 está determinado pelo princípio da simplicidade: “quanto mais simples é uma regra da L1, melhor resiste à pressão da outra língua”<sup>17</sup>. A simplicidade é definida por três critérios: “a extensão do domínio de aplicação de uma regra, a saliência dos indícios que permitem reconhecer as formas compreendidas neste domínio e a redução do número de operações requeridas pela regra”<sup>18</sup>.

Seliger (1989, p.173) propõe um princípio similar como causa última do atrito, o Princípio de Redução da Redundância (ing. *Redundancy Reduction*), segundo o qual “Se ambas as línguas contêm uma regra que serve a mesma função semântica, a versão da regra que é formalmente menos complexa e tem uma distribuição maior (...) substituirá a regra mais complexa e com

---

<sup>13</sup> Os fatores externos abrangem o que Silva-Corvalán (1994, p. 1) denomina “forças sociais externas” (*external social forces*), nas quais se inclui a L2.

<sup>14</sup> O termo utilizado por eles é “*restructuration*” (reestruturação), já que desejam evitar o uso de palavras como “atrito” ou “interferência”, as quais na sua opinião escondem uma visão negativa dos fenômenos de mistura lingüística (PY; GROSJEAN, 2002, p. 20-1).

<sup>15</sup> De acordo com Py e Grosjean (2002, p. 20-1) as “variantes de contato” são formas produzidas por um contato prolongado e regular com outra língua e diferem das “variantes padrão”, estruturas cuja legitimidade é reconhecida pelas gramáticas coetâneas da língua em questão. Com esse termo aludem às interferências.

<sup>16</sup> “... *um état transitoire dans une compétence mouvante*”.

<sup>17</sup> “*Plus une règle est simple, mieux elle résiste à la pression de l’autre langue*”.

<sup>18</sup> “...*l’étendue du domaine d’application d’une règle, la saillance des indices permettant de reconnaître les formes comprises dans ce domaine, et la réduction du nombre d’opérations requises par la règle*”.

menor distribuição”<sup>19</sup>. De fato, essa transferência das regras mais simples da L2 reduz a carga da memória; o falante bilíngüe pode manter as duas línguas combinando elementos da L1 e da L2, conseguindo desse modo uma gramática mais econômica (ing. *parsimonious*) (SELIGER, 1989, p.182-3).

Essas propostas se aproximam das idéias de Silva-Corvalán (1995, p. 9) segundo a qual, para tornar mais leve a carga cognitiva que supõe recordar e usar duas línguas, os bilíngües desenvolvem estratégias, sendo uma delas a transferência da L2 (as outras são simplificação, hipergeneralização, desenvolvimento de construções perifrásticas e alternância de código). No mesmo sentido, Sharwood Smith (1983, p. 226) aponta que a transferência (da L1 na aquisição, da L2 no atrito) supõe a facilitação do processamento lingüístico quando se trata de duas línguas. Assim propõe como hipótese que serão adotadas (na L1 ou na L2) da outra língua aquelas estruturas que levem a maior simplicidade de processamento.

## 2.2 A teoria da Transferência ou Influência Interlingüística

Se, como acabamos de ver, o modelo anterior privilegiava as causas internas do atrito, o presente modelo volta seu olhar para os motivos externos, em concreto, a influência da L2. Segundo Schmid e de Bot (2004, p. 212) nas situações de contato lingüístico as modificações que se produzem no sistema de uma das línguas são devidas, ao menos em parte, à “invasão” de uma língua na outra: a L1 sofre o “ataque” da L2 quando esta é muito usada e, por conseguinte, começa a perder elementos. Essas perdas levam à aparição de lacunas (ing. *gaps*) que serão preenchidas por itens da L2. Esta “imagem bélica” utilizada por Schmid (2006) e Sharwood Smith (1989, p. 185) para descrever o processo do atrito reflete a importância que uma grande parte dos pesquisadores da área concede à influência da L2 como causa principal.

De fato, no idioleto dos indivíduos que experimentam atrito aparecem desvios da norma que mudam segundo a língua de contato: na fala dos imigrantes hispanofalantes nos Estados Unidos, na Suíça ou no Brasil observam-se desvios diferentes, que mostram a influência do inglês, do francês e do português, respectivamente. É evidente, portanto, que a influência da L2 desempenha um papel decisivo<sup>20</sup>, embora não seja o único fator interveniente. A seguir, recolhem-se alguns exemplos destas interferências na L1 de imigrantes hispanofalantes:

- **Inglês como L2:** *atendimos la junta*, no lugar de *asistimos a la junta*, por influência do inglês *to attend* (em português “assistir”); *la llamo pa’trás*, por *le devuelvo la llamada*, do inglês *to call back* (literalmente poderia ser traduzido por “ligar atrás”, mas na realidade significa “ligar de volta”)<sup>21</sup>.
- **Francês como L2:** *decidió de llamar al médico*, no lugar de *decidió llamar al médico*, por influência do francês *il a décidé d’appeler le médecin* (em português “ele decidiu chamar o médico”); *no entiendo el ruido del tren*, por *no oigo el ruido del tren*, do francês *je n’entend pas le bruit du train* (em português “eu não ouço o barulho do trem”)<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> “If both languages contain a rule which serves the same semantic function, that version of the rule which is formally less complex and has a wider linguistic distribution (...) will replace the more complex more narrowly distributed rule”.

<sup>20</sup> Com o que concorda Silva-Corvalán (1995, p. 11-2).

<sup>21</sup> Exemplos de Toribio (2000, p. 176)

<sup>22</sup> Exemplos de Py e Grosjean (2002, p. 21).

- **Português como L2:** *parecido con quién*, por *parecido a quién*, por influência do português “parecido com quem”; *chillante*, em espanhol *chillón*, formada provavelmente a partir do português “gritante”<sup>23</sup>.

Assim, para explicar este tipo de fenômenos, nos primórdios dos estudos sobre atrito, Sharwood Smith (1989, p. 185) propõe a Hipótese da Influência Interlingüística (ing. *Crosslinguistic Influence*) segundo a qual, dentre os processos que determinam o atrito, a transferência é um dos mais importantes. O termo é de origem psicolingüístico e se refere à influência que um dos sistemas lingüísticos que o aprendiz possui pode exercer sobre o outro, tanto quando existe uma língua já desenvolvida (ing. *mature*) como quando há uma interlíngua ainda em desenvolvimento. O termo pretende ser mais amplo do que “transferência” e inclui empréstimos, influência da L1 na L2 e evitação da transferência.

Posteriormente, com um enfoque similar, Seliger (1991, *passim*) e Sharwood Smith e van Buren (1991, *passim*) começam a aplicar as noções chomskianas de insumo (*input*) e evidência (*evidence*)<sup>24</sup> para explicar essa influência da L2.

Segundo Sharwood Smith e van Buren (1991, p. 23), o falante nativo precisa de evidências não só para desenvolver a sua L1, mas também para mantê-la. Assim, “a L1 muda não por falta de uso, mas por falta de evidência que permita confirmar que a L1 é do modo que ela é”<sup>25</sup>. No caso do atrito, ante a falta de insumo da L1, a L2 começa a desempenhar esse papel e se transforma, em palavras de Seliger (1991, p. 237), em “evidência positiva indireta”, isto é, quando se produz um problema para recuperar ou acessar formas ou estruturas da L1, o bilíngüe acode à gramática da L2 como fonte de conhecimento para avaliar a L1. Mas a evidência positiva indireta pode-se transformar em evidência positiva direta, quando um número suficiente de falantes começa a utilizar esses desvios da norma, essas variantes de contato. Desse modo, a nova gramática que resulta do processo de atrito é reforçada e pode supor o começo de um dialeto imigrante. Assim acontece na situação estudada por Py e Grosjean (2002, o espanhol dos imigrantes espanhóis na Suíça francófona).

De acordo com a classificação que utiliza Silva-Corvalán (1994, p.4-5), existem transferências diretas e indiretas. As primeiras pressupõem a incorporação de uma forma ou significado da L2 à L1; as segundas, a perda ou maior freqüência de uso de uma forma da L1.

Para autores como Cook (2000, 2003) ou Schoenmakers (1989), a influência da L2 não se restringe aos aspectos formais ou lingüísticos, mas também leva a uma mudança semântico-conceitual. Segundo Cook (2000, p. 5), os “usuários de L2” adquirem uma outra visão do mundo que não é simplesmente acumulativa, isto é L1 + L2, já que supõe a criação de algo diferente.

Contudo, o atrito é determinado só parcialmente por fatores lingüísticos, internos ou externos. É necessário contemplar o papel nada desprezível que desempenham os fatores extralingüísticos. Entre eles contam-se variáveis sociolingüísticas como idade e educação, e outras questões como o contato com a L1, a duração da imigração e as atitudes.

<sup>23</sup> Exemplos do corpus da pesquisa que serve de base a este trabalho.

<sup>24</sup> A palavra “insumo” faz referência às amostras de língua alvo, orais ou escritas, que o aprendiz encontra durante seu processo de aprendizagem e são uma fonte para elaborar hipóteses sobre a estrutura dessa língua. A noção de “evidência” remete às informações que permitem ao aprendiz julgar a validade das suas hipóteses. Elas podem ter a forma de “evidências negativas diretas” (correções feitas pelos interlocutores), “evidências negativas indiretas” (a ausência ou baixa freqüência de estruturas agramaticais) e “evidências positivas” (as estruturas corretas produzidas pelos outros falantes). Para mais detalhes ver CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981, citado por Sharwood Smith (1989, *passim*).

<sup>25</sup> “*The L1 changes not because of lack of use but because of a lack of confirming evidence that the L1 is the way it is...*”.

### 3. A pesquisa

O objetivo da pesquisa que serve de base a este trabalho, e cujo título é o mesmo do presente artigo, foi explorar esse fenômeno de mudança ou erosão que se produz na L1/espanhol em contato com o português como L2.

Trata-se de uma pesquisa, de tipo qualitativo, na qual é analisada a fala de 8 participantes. Estes são hispanofalantes adultos residentes desde longa data<sup>26</sup> (vide tab. 1) Goiânia e Luziânia, e com proficiência em português. Para evitar que variações dialetais regionais pudessem ser identificadas como desvios ou interferências (SCHMID; DE BOT, 2004, p.227), os participantes eram da mesma nacionalidade que a pesquisadora, espanhóis. Todos eles emigraram ao Brasil depois dos onze anos de idade, sendo, portanto um estudo transversal com imigrantes de primeira geração.

Os procedimentos de coleta de dados utilizados no estudo foram dois: entrevistas semi-estruturadas e um questionário sociolinguístico. Este último proporciona informação variada sobre os participantes que ajuda a explicar alguns dos resultados.

Os dados de fala foram elicitados mediante as entrevistas gravadas em situação informal e ambiente descontraído. Desse modo, espera-se ter obtido uma fala o mais espontânea possível e, portanto, uma imagem mais aproximada do comportamento linguístico real dos participantes. As entrevistas foram posteriormente transcritas.

Segundo Andersen (1982, p. 91), o atrito é caracterizado pelo que chama de pela “não-observância da norma linguística”<sup>27</sup>. Isso significa que a fala de uma pessoa que experimenta atrito deve apresentar mais erros ou desvios da norma do que um falante competente dessa língua. Portanto, na procura de sinais de atrito, foram inventariados e classificados os erros do corpus de fala coletado nas entrevistas dos participantes. Para minimizar as distorções que pode produzir o fato de ser o pesquisador o único que avalia os dados, recorreu-se a dois linguistas espanhóis que examinaram o corpus e as listas de erros destacados pela autora. De fato, trata-se de uma forma de triangulação, a qual aumenta a confiabilidade da pesquisa ao incorporar outras perspectivas (BAUER; GASKELL, 2002, p. 482-3).

Esses mesmos linguistas avaliaram a competência aparente em L1 dos participantes. Para isso, eles escutaram trechos de aproximadamente cinco minutos de cada uma das entrevistas e classificaram cada falante numa escala de 1 (perfeitamente nativo) a 3 (não nativo)<sup>28</sup>.

No intuito de testar se o uso da língua dos falantes com e sem atrito mostra diferenças significativas, foram utilizados dois corpora linguísticos<sup>29</sup> ao invés de um grupo de controle monolíngüe.

---

<sup>26</sup> Sete dos oito participantes têm residido de forma continuada no Brasil por mais de 40 anos. Só num caso o tempo de imigração no Brasil é de 6 anos.

<sup>27</sup> “...*lack of adherence to the linguistic norm*”.

<sup>28</sup> Procedimento utilizado por Schmid (2004, p. 242-3).

<sup>29</sup> MARCOS MARÍN, F. (Ed.). **Corpus oral de referencia del español contemporáneo** (COREC). Banco de datos [on-line]. Universidad Autónoma de Madrid. Disponível em: <<http://www.llf.uam.es/>> Acesso em: ago. set. out. 2006; e REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Corpus de referencia del español actual** (CREA). Banco de datos [on-line]. Disponível em: <<http://www.rae.es>> Acesso em: ago. set. out. 2006.

TABELA 1 - PERFIL DOS PARTICIPANTES, NÚMERO DE DESVIOS E EXTENSÃO DAS ENTREVISTAS

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ANOS EM BRASIL	IDADE NA CHEGADA	NÚMERO DE DESVIOS	EXTENSÃO DAS ENTREVISTAS
P1	F	62	51	11	31	306 l. / 7 p.
P2	M	não facilitada 40?	6	-	9	284 l. / 7 p.
P3	M	79	53	26	47	412 l. / 10 p.
P4	F	77	43	34	10	414 l. / 10 p.
P5	M	69	52	17	81	374 l. / 9 p.
P7	M	70	44	26	134	344 l. / 9 p.
P8	F	54	43	11	48	368 l. / 9 p.
P10	F	78	49	29	40	318 l. / 8 p.

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

### 3.1 Análise dos traços lingüísticos do corpus

A análise qualitativa<sup>30</sup> do corpus mostrou os traços lingüísticos que singularizam o espanhol/L1 dos participantes e que podem ser interpretados como sinais de atrito. Estes traços singulares ou desvios da norma foram classificados<sup>31</sup> em duas grandes categorias: desvios interlinguais e desvios intralinguais. A primeira categoria está por sua vez dividida em quatro seções correspondentes ao nível lingüístico (nível fonético, léxico, morfossintático e sintático), mais uma outra subdivisão onde estão incluídos os casos de alternância de código (ing. *code-switching*) em L2/português.

#### 3.1.1 Desvios interlinguais

##### 3.1.1.1 Nível fonético

Embora não fosse o foco da pesquisa<sup>32</sup>, foram observados alguns indícios interessantes de atrito na realização alofônica de certos fonemas: a velarização do fonema /r/ no participante P8 (*rosa, carretera*); a pronúncia da africada palatal surda [t̪] do espanhol como fricativa pós-alveolar surda, [ʃ] no participante P3 (*mucho chocolate*), e a realização alveolar, como o som [s] do português, do fonema interdental fricativo surdo espanhol /θ/<sup>33</sup> no participante P10 (*vez e mezcla*).

##### 3.1.1.2 Nível léxico

###### ■ Extensões ou decalques semânticos

Trata-se de palavras da L1/espanhol às quais é adjudicado um significado diferente ao se estabelecer uma correspondência com uma palavra idêntica ou similar da L2/português. De modo geral, essas palavras idênticas ou muito similares coincidem semanticamente em

<sup>30</sup> Não foi realizado tratamento estatístico. Todavia, foram efetuadas de forma pontual análises quantitativas básicas para obter uma visão de conjunto.

<sup>31</sup> Foram utilizadas como modelo as classificações de Köpcke (1999, p. 176) e Raso (2003, p. 6 et seq.).

<sup>32</sup> Daí não ter sido realizada uma transcrição fonética das entrevistas.

<sup>33</sup> Esse fenômeno é conhecido como *seseo* e supõe a perda de oposição entre o fonema /θ/, correspondente às letras “c” e “z”, e o fonema /s/, em favor de um único fonema de articulação não interdental, isto é /s/ (*caza=casa*). Está generalizado na América.



algumas das acepções, mas há outras não coincidentes; por uma questão de economia<sup>34</sup>, as acepções não coincidentes são eliminadas da L1, acrescentam-se as acepções da L2 e as palavras se tornam equivalentes semanticamente, prevalecendo os significados da L2. Nos seguintes casos podemos observar esse fenômeno: (II-30)<sup>35</sup> *yo era padre* [sacerdote, cura]; (V-155) *va a encontrar un negocito pequeñito* [una cosita]; (X-30, 87) *me pegaron* [me cogieron, tomaron]; (X-141, 153) *colé la postal* [pegué].

#### ■ Aglutinação semântica

São casos nos quais a L1/espanhol possui duas palavras para expressar conceitos que em L2/português são expressos por uma forma só. Como consequência da influência da L2, os dois termos da L1 se aglutinam, perdendo as diferenças, a exemplo da forma única da L2. O termo da L1 mais semelhante ao único termo da L2 é o que predomina: (V-302) *fue un una exploración* [explotación]; (VII-208) *la creación de puercos* [cría, explotación de puercos].

#### ■ Decalques de uso

Com a expressão decalque de uso se faz referência a casos de redução da sinonímia, nos quais se observa uma utilização preferencial da forma usada em L2, mesmo sendo esta a menos freqüente em L1: (X-109) *sangre misturada* [mezclada].

#### ■ Decalques léxicos

Dada a proximidade de português e espanhol, os casos de “criação” de palavras não são muito numerosos, já que essa afinidade de origem facilita as transferências semânticas entre palavras semelhantes formalmente. Essas palavras “criadas” ou decalques léxicos consistem em lexemas portugueses adaptados fonética e morfologicamente ao espanhol: (V-134) *soy \*diseñista* [diseñador]; (VII-235) *\*engarrafación* [embotellado].

### 3.1.1.3 Nível morfossintático

#### ■ O gênero

No corpus aparecem poucos casos de mudança de gênero na L1 por interferências da L2. Talvez a explicação seja a grande coincidência existente entre espanhol e português: (V-141) *la [el] punte*; (VII-136) *la [el] metraje*; (III-145) *mucho* [much] *leche condensada*.

#### ■ O artigo

Esta primeira análise do corpus revelou apenas quatro casos de uso incorreto ou pouco habitual do artigo por influência do português: (IV-396) *veo televisión* [veo la *televisión*].

#### ■ A regência verbal

Dentro do nível morfossintático, as mudanças de regência preposicional do verbo conformam o grupo mais numeroso de interferências: (III- 195) *llegué en Buenos Aires*; (I-129) *parecido con quién* [parecido a *quién*].

#### ■ As preposições

O caso mais reiterado é a utilização da preposição *de* no lugar de *en* para introduzir o meio de transporte com verbos de movimento: (VII-124,132,133,149) (*ir, venir, llegar, aparecer*) *de avión* [en *avión*]; (X-336) *a mí hasta que me gusta* [a mí *incluso* me gusta].

<sup>34</sup> Vide SELIGER (1989, p. 182-3) e seção 2.3.1.

<sup>35</sup> Nos exemplos, está em itálico a palavra ou frase do corpus em espanhol, precedida pelo número da entrevista e o número da linha em que aparece; sublinhado, o desvio ou interferência; entre colchetes, a forma em espanhol padrão; entre parênteses, precedido por =, a tradução ao português.

#### ■ Advérbios e conjunções

Aparecem no corpus advérbios e conjunções formalmente semelhantes, homófonos ou idênticos em ambas as línguas, cujo uso na L1 supõe um decalque do uso na L2: (I-234) y *ahí empezamos* [y entonces empezamos]; (X-63) *el chico entonces es fanático* [el chico no veas/sobre todo, es fanático]; (VII-50, 273, 274) *también no* [tampoco]; (III-399) *ni que fuese para verla* [aunque (sólo) fuese para verla].

#### ■ Verbos pronominais

Em ocasiões é pronominalizado um verbo espanhol não pronominal por interferência do português: (V-340) *eso sí que se pasa* [eso sí que pasa]; noutras o verbo da L1 perde a pronominalização a exemplo do verbo português equivalente: (V-208) *quedamos siete años* [nos quedamos siete años].

### 3.1.1.4 Nível sintático

No nível sintático, uma das áreas que apresenta mais interferências são os pronomes, apesar de serem muito semelhantes em ambas as línguas<sup>36</sup>. Todavia, essa semelhança “normativa” está se mitigando por causa de dois movimentos contrários que podem-se observar no português brasileiro: de um lado, o “preenchimento” do sujeito pronominal<sup>37</sup>, devido à redução do paradigma flexional número-pessoal do verbo, isto é, a perda do chamado parâmetro *pro-drop*; do outro, o “apagamento” dos pronomes clíticos (MATTOS E SILVA, 2004)<sup>38</sup>.

#### ■ A expressão do sujeito pronominal

O espanhol permite o parâmetro do sujeito nulo, mas em contato com o português observa-se uma perda das restrições semântico-pragmáticas que regulam a expressão do pronome no espanhol. Assim, observa-se no corpus uma maior ocorrência de pronomes sujeito explícitos, como no ocorre no português: (VII-141-2) *él no tenía hijos . él era español . aquel aquel señor era español . él comenzó la vida descargando sacos...*; (III-67) *a ver si yo tengo una foto ...*

#### ■ A omissão de clíticos

Observa-se no português uma tendência clara à eliminação dos pronomes clíticos, sobretudo os de terceira pessoa, “o, a, os, as, lhe, lhes”. Aparecem no corpus casos de transferência ao espanhol desse fenômeno de substituição de um clítico por um pronome sujeito, colocação impossível nesta língua: (VII-63) *consiguieron localizar ella* [localizarla]; (V-379) y \* *tuvo \* usted* [lo tuvo a usted]. No exemplo a seguir, o pronome clítico de objeto direto, necessário em espanhol com os verbos transitivos, é omitido<sup>39</sup>: (I-280,1) *fue ella la que \* pidió* [fue ella la que lo pidió].

#### ■ A substituição do possessivo por de + pronome

O uso extensivo de “você”, em lugar de “tu”, cria no português brasileiro uma ambigüidade para o possessivo “seu(s), sua(s)”, que pode referir-se ao interlocutor

---

<sup>36</sup> No espanhol da Espanha os pronomes retos utilizados são: singular, 1ª *yo* / 2ª *tú* (informal), *usted* (formal) / 3ª *él, ella*; plural, 1ª *nosotros* / 2ª *vosotros* (informal), *ustedes* (formal) / 3ª *ellos, ellas*. Os oblíquos átonos: singular, 1ª *me* / 2ª *te* / 3ª *lo, la, le, se*; plural, 1ª *nos* / 2ª *os* / 3ª *los, las, les, se*. Os oblíquos tônicos: singular, 1ª *mí* / 2ª *ti, usted* / 3ª *él, ella, sí*; plural, 1ª *nosotros* / 2ª *vosotros, ustedes* / 3ª *ellos, ellas, sí*.

<sup>37</sup> Ver Perini (2002, p. 530).

<sup>38</sup> Na prática, isso significa que no espanhol os pronomes clíticos são mais freqüentes do que no português, e que neste último são os tônicos os mais freqüentes, isto é, os pronomes retos e os oblíquos.

<sup>39</sup> A posição da omissão é marcada com um asterisco.

ou não. Para evitá-lo, são substituídos pelas formas “dele(s)”, “dela(s)”, “de você(s)”, “do(s) senhor(es)” ou “da(s) senhora(s)”, as quais se transformaram em verdadeiros possessivos utilizados além das ambigüidades (CUNHA, 1981, p. 183)<sup>40</sup>. Em espanhol também se produz essa substituição, mas unicamente nos casos de estrita anfibologia. Todavia, no corpus aparecem vários exemplos de substituição em casos nos quais não existe verdadeira ambigüidade já que o possessivo só pode se referir a uma pessoa: (VII-319) *la esposa d(e) él [su esposa]*.

■ A posição dos pronomes

O espanhol utiliza a próclise em todos os casos, exceto quando se trata de imperativo, infinitivo e gerúndio. Com estes tempos verbais a ênclise é obrigatória. É precisamente neste ponto que surgem as interferências com construções perifrásticas: (VII-359) *acabaron \*se casando [acabaron casándose ou se acabaron casando]*; (VII-132) *conseguí \*me recuperarme [conseguí recuperarme]*.

■ A ordem das palavras

Segundo Almeida Filho (2001, p. 14) “a ordem canônica da oração” em espanhol e português é amplamente coincidente; daí aparecerem no corpus poucas mudanças deste tipo: (VII-161) *dio más medio metro [dio medio metro más]*; (V-72) *de manera ninguna [de ninguna manera]*.

■ As respostas com repetição

No português, no lugar de utilizar os advérbios “sim” ou “não”, repete-se algum elemento da pergunta formulada<sup>41</sup>. Essa estrutura é pouco freqüente em espanhol e a sua utilização pode ser uma marca de ênfase ou até indicar impaciência: (II-116-7) Pergunta: *pero tú no sabías portugués?* Resposta: *yo no sabía portugués pero...*

■ A omissão da preposição *a* no objeto direto de pessoa

No espanhol, emprega-se *a* com o objeto direto de pessoas<sup>42</sup> ou animais personificados. Porém, no português o mais freqüente é a construção sem *a*. Nas entrevistas, aparecem vários exemplos de omissão da preposição *a* em objetos diretos de pessoa: (V-120) *el que derrumbó \* Getúlio Vargas [el que derribó a G. V.]*; (VII-40) *conoció \* mi madre [conoció a mi madre]*.

■ A omissão da preposição *a* na locução verbal de futuro (*ir + a + infinitivo*)

Não empregada no português, a preposição *a* é omitida no espanhol: (V-317) *yo fui \* inaugurar [fui a inaugurar]*.

■ O uso do subjuntivo

As incorreções relacionadas com os tempos verbais são bastante raras no corpus. Apenas em duas ocasiões aparecem problemas com o subjuntivo: (III-294) *tal vez en enero ella va [tal vez en enero ella vaya]*.

■ Outros decalques estruturais

Existem exemplos nos quais uma estrutura da língua portuguesa é reproduzida em espanhol numa tradução mais ou menos literal: (VII-127) *campos de aviones* e (VII-199) *campo de aviación [pista de aterrizaje, aeródromo]*; locuções idiomáticas como (VII-168) *ahora quien hace cuestión de medir esos puentes soy yo [quiere, insiste en]*; (108)-(V-49) *con la vieja ya no da pa(ra)...*

<sup>40</sup> Ver também Rocha (2000).

<sup>41</sup> Assim como em Perini (2002, p. 438), Raso (2003, p. 22); ver também Rocha (2000).

<sup>42</sup> Exceto quando se refere a uma pessoa indeterminada ou está precedida por um adjetivo numeral ou de quantidade: “*Busco un buen mecánico*”, “*Encontramos mucha gente nerviosa*” (MONZÚ, 1994, p. 63)

### 3.1.1.5 Alternância de código

Trata-se do uso da L2/Português no discurso em L1/Espanhol, em situação monolíngüe. A grande maioria são alternâncias de palavras isoladas, as quais devem ser diferenciadas dos decalques léxicos ou empréstimos. O critério empregado foi a assimilação fonológica, de modo que foram consideradas alternâncias de código as palavras em L2/português não adaptadas à fonologia espanhola.

- O grupo mais numeroso são palavras lexicais, a maioria substantivos, ligadas ao país da L2, o Brasil: (II-232) *favela* [*barrio de chabolas*]; (V-128) *el bonde* [*tranvía*]; (V-140) *la treliça* [*estructura*]; (V-172) *quien venía pa(ra) Brasilia a: además de ganar la tal dobradinha...* [*el doble*]; (VIII-115-6) *chapeuzinho* [*acento circunflejo*]; (VIII-370) *churrascaria* [*parrilla/asador*].
- Alternâncias emblemáticas, isto é, o uso de marcadores discursivos ou locuções com função pragmática: (I-113) *é* [*sí*]; (III-107) *né?* [*no?*].
- Alternâncias identificadas pelo próprio falante: (I-229) *lo que se dice aquí namoro* [*noviazgo*].

### 3.1.2 Desvios intralinguais

Foram analisados apenas 39 desvios não devidos à interferência:

- Omissões de fonemas características do espanhol peninsular coloquial: supressão das /d/ intervocálicas em participípios e outras palavras: (III-179) *estudia(d)o*.
- Hipercorreções originadas pela coincidência entre espanhol e português, que levam o falante a procurar uma diferenciação não existente: (I-52) *traduciendo* [*traduciendo*]; (VII-23) *\*nuevecientos* [*novecientos*].
- Perda da capacidade de selecionar a palavra ou estrutura adequada ao contexto: (I-318) *cuando los quería . reprochar* [*regañar, reñir*].

## 3.2 Conclusões

Na maioria dos casos, os traços característicos do corpus, ou desvios da norma, puderam ser explicados como transferências diretas ou indiretas da L2/português. De fato, foram analisados apenas 39 desvios não devidos à interferência. Isso sugere que no processo de atrito da L1 de imigrantes em um contexto de L2, o contato entre ambas as línguas tenha efeitos importantes sobre a L1. Na presente pesquisa, a influência da L2 /Português parece determinar grande parte das mudanças que se observam na L1/espanhol dos participantes.

No nível léxico, o traço mais reiterado são as extensões ou decalques semânticos, algo previsível tratando-se de línguas afins, como aponta Raso (2003, p. 26), cujos resultados da análise de L1/italiano em contato com L2/português coincidem neste ponto com os da presente pesquisa.

Na morfossintaxe, os âmbitos mais afetados pelo atrito são as regências verbais, os advérbios e conjunções, e as preposições. Dado que os desvios nas regências verbais supõem, na

maioria dos casos, uma troca de preposição, esta categoria aparece como uma das áreas mais sensíveis no contato espanhol/português<sup>43</sup>.

Na sintaxe, os desvios relacionados com os pronomes (expressão, omissão, substituição e posição) conformam o grupo mais numeroso. No que se refere à tendência a uma maior frequência de expressão do sujeito pronominal, os resultados mostram coincidências com os estudos de Silva-Corvalán (1994, cap. 5) e Lipski (1996), nos quais as línguas em contato são L1/espanhol e L2/inglês, e Elizaincín (1995), que estuda as mesmas línguas da presente pesquisa, L1/espanhol e L2/português.

Não obstante, o número de desvios contabilizado na fala de cada participante (vide tab. 1) não parece muito elevado e nenhum deles foi avaliado pelos juízes como não-nativo. Isso sugere que os participantes não se encontram numa fase muito avançada do processo de erosão da L1.

Os dados proporcionados pelos questionários sociolingüísticos aplicados aos participantes permitiram distinguir outros fatores atuantes no processo de atrito. Assim, todos os imigrantes se consideram bilíngües ou trilíngües e usam majoritariamente a L2 no ambiente familiar e com os amigos. Isso supõe uma redução no uso da L1 em diferentes graus e, conseqüentemente, uma diminuição do insumo dessa língua. Esta situação parece adequar-se à análise que realizam Seliger (1991, p. 227 e seg.) e Sharwood Smith e van Buren (1991, p. 23) do fenômeno do atrito, o qual na sua opinião está sempre presente nas situações de bilingüismo e é originado pela crescente dominância da L2 e a falta de insumo da L1; em substituição deste, os imigrantes recorrem ao insumo da L2/português, língua que se transforma em fonte interna de evidência positiva indireta para a L1 (SELIGER, id.).

Em muitos casos (por exemplo, as maiores frequências de expressão do sujeito pronominal e a omissão de clíticos), a influência da L2 pode ser explicada como evidência do Princípio de Redução da Redundância proposto por SELIGER (1989, p.173). De acordo com esse princípio, o atrito implica a transferência das regras da L2 que são mais simples do que as da L1; isso reduz a carga da memória do falante bilíngüe, já que se consegue uma gramática mais econômica, sem “redundâncias” (SELIGER, 1989, p.182-3).

Por outro lado, as transferências diretas no nível léxico e sintático (decalques léxicos e semânticos, aglutinações semânticas, decalques de construções idiomáticas), também eliminam diferenças entre L1 e L2 e supõem a facilitação do processamento lingüístico bilíngüe.

Todos esses dados parecem indicar que, na linha das idéias expressadas por Seliger (1989, p.182-3), Sharwood Smith (1983, p. 226) e Silva-Corvalán (1995, p. 9), entre outros, o atrito leva a uma convergência entre L1 e L2, isto é, a uma maior semelhança entre os dois sistemas que facilita a tarefa de armazenar e processar duas línguas.

Um dos fatores que podem ter favorecido a conservação da L1 são as atitudes positivas para com a língua e a cultura da L1 que exibem a maioria dos participantes, tanto nas respostas ao questionário como nas entrevistas.

Em suma, a importância que a influência da L2 parece ter no processo de atrito da L1 dos participantes nesta pesquisa sugere que, como aponta Seliger (1991, p. 227), o atrito “é um fenômeno onipresente” (“*a ubiquitous phenomenon*”) nos contextos de bilingüismo e pode proporcionar evidências interessantes sobre as relações que se estabelecem entre línguas em contato.

---

<sup>43</sup> Apesar das línguas em contato serem diferentes, estes resultados coincidem com pesquisas como as de Köpke (1999, p. 136), que estuda L1/alemão em contato com inglês, Raso (2003, p. 26), L1/italiano em contato com L2/português, e Ben-Rafael (2004, p. 182), L1/francês em contato com L2/hebraico.

## REFERENCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas?. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **português para estrangeiros interface com o espanhol**. 2ª ed. Campinas: Pontes. 2001. p. 9-21.

ANDERSEN, R. W. Determining the linguistic attributes of language attrition". In LAMBERT, R.D.; FREED, B.F. (Ed.). **The loss of language skills**. Rowley, MA: Newbury House, 1982. p. 83-118.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Para uma prestação de contas pública: Além da amostra, da fidedignidade e da validade. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 470-490.

BEN-RAFAEL, M. Language contact and attrition: The spoken French of Israeli Francophones. In: SCHMID, M. S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed.). **First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 165-188.

CALVO CAPILLA, M.C. **Espanhol e português em contato: o atrito da II de imigrantes espanhóis no Brasil**. Brasília, 2007. 173 f. Dissertação de mestrado – Universidade de Brasília.

CAVALCANTI, M. C. Um olhar meta-teórico e meta-metodológico em pesquisa em lingüística aplicada: Lendo a teia onde me enredo em suas implicações éticas e políticas. Palestra no II ENCONTRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA DA REGION CENTRO OESTE (ELARCO), Brasília, 17 nov. 2005.

COOK, V. Is Transfer the right word? Esboço de uma conferência no PRAGMATIC SYMPOSIUM, 2000, Budapest. Disponível em: <<http://homepage.ntlworld.com/vivian.c/Writings/Papers/Transfer2000.htm>> Acesso em: 2005.

CUNHA, C. F. **Gramática da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1981.

ELIZAINCÍN, A. Personal Pronouns for Inanimate Entities in Uruguayan Spanish in Contact with Portuguese. In SILVA-CORVALÁN, C. (Ed.). **Spanish in four Continents**. Studies in language Contact and Bilingualism. Washington DC.: Georgetown University Press, 1995. p. 117-131.

HAMERS, J. F.; BLANC, M. H. A. **Bilinguality and bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖPKE, B. **L'attrition de la Première Langue chez le Bilingue Tardif: Implications pour l'étude psycholinguistique du bilinguisme**. Toulouse, 1999. 359 f. Tese – Université de Toulouse-Le Mirail.

KÖPKE, B.; SCHMID, M. S. First language attrition: the next phase. In: SCHMID, M.S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed). **First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 1-45.

LIPSKI, J. M. Code-switching or Borrowing? No sé *so* no puedo decir, *you know*. In: SAYAHI, L.; WESTMORELAND, M. (Ed.). **Selected Proceedings of the Second Workshop on Spanish Sociolinguistics**, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2005, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.lingref.com/cpp/wss/2/paper1136.pdf>> Acesso em: 07 set. 2005.

MATTOS E SILVA, R. V., O português brasileiro. **Brazzil - Brazil 24/7**. Disponível em <<http://www.brazzil.com/forum/viewtopic.php?t=6611>> Acesso em: jun 2004.

MOLINER, MARÍA. **Diccionario de Uso del Español**. Edición electrónica. Versión 2.0. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

MONZÚ FREIRE, M. T. R. **Síntesis gramatical de la lengua española**, 4 ed., São Paulo: Novos Livros Editora, 1994.

PAVLENKO, A. Bilingualism and Emotions. **Multilingua**, v. 21, n. 1, p. 45-78, 2002.

PERINI, M. **Modern Portuguese: A Reference Grammar**. New Haven: Yale University Press, 2002.

PY, B.; GROSJEAN, F. Variantes de contact, restructuration et compétence bilingue: approche expérimentale. **Notions en questions. Rencontres en didactique des langues**, n. 6, pp. 19-27, set. 2002.

RASO, T. L'italiano parlato a S. Paolo da madrelingua colti. Primi sondaggi e ipotesi di lavoro. **Revista de Italianística**, São Paulo, n. 8, p. 9-49, 2003.

ROCHA, M. Relações Anafóricas no português Falado: Uma Abordagem Baseada em Corpus. **Delta**, São Paulo, v.16 n.2, p. 229-261, 2000. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502000000200002&lng=en&nrm=iso#tx06](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200002&lng=en&nrm=iso#tx06)>Acesso em: 2006.

SCHMID, M. S. First language attrition: the methodology revised. **International Journal of Bilingualism**, v. 8, n. 3, p. 239-255, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Atrito Lingüístico**. Curso da escola de inverno de LOT (*Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap* = Escola Holandesa de Lingüística para Pós-graduados) na *Vrije Universiteit*, Amsterdã, 9-13 jan. 2006.

SCHMID, M. S.; DE BOT, K. Language Attrition. In: DAVIES, A.; ELDER, C. (Ed.). **The Handbook of Applied Linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 210-34.

SCHOENMAKERS-KLEIN GUNNEWIEK, M. Structural aspects of the loss of Portuguese among Migrants: A Research Outline. **I.T.L.: Review of Applied Linguistics**, v. 83-84, p. 99-123, 1989.

SELIGER, H. W. Deterioration and creativity in childhood bilingualism. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. K. **Bilingualism across the Lifespan**. Aspects of acquisition, maturity, and loss. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 173-184.

\_\_\_\_\_. Language attrition, reduced redundancy, and creativity. In: SELIGER, H. W.; VAGO, R. M. (Ed.). **First language attrition**. Cambridge: CUP., 1991. p. 227-240.

SELIGER, H. W.; VAGO, R. M. The study of first language attrition: an overview. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **First language attrition**. Cambridge: CUP., 1991. p. 3-15.

SHARWOOD SMITH, M. A. On first language loss in the second language acquirer: problems of transfer. In: GASS, S.; SELINKER, L. (Ed.). **Language transfer in language learning**. Rowley, MA: Newbury House, 1983. p. 222-231.

\_\_\_\_\_. Crosslinguistic influence in language loss. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. K. **Bilingualism across the lifespan**. Aspects of acquisition, maturity, and loss. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 185-201.

SHARWOOD SMITH, M. A.; VAN BUREN, P. First language attrition and the parameter setting model. In: SELIGER, H. W.; VAGO, R. M. (Ed.). **First language attrition**. Cambridge: CUP., 1991. p. 17-30.

SILVA-CORVALÁN, C. **Language Contact and Change**. Spanish in Los Angeles. Oxford: Clarendon Press, 1994.

\_\_\_\_\_. The Study of Language Contact: An Overview of the Issues. In: SILVA-CORVALÁN, C. (Ed.) **Spanish in four Continents**. Studies in language Contact and Bilingualism. Washington DC: Georgetown University Press, 1995. pp. 3-14.

TORIBIO, A. J. Code Switching and Minority Language Attrition. Papers from the 1999 Conference on the L1 & L2 Acquisition of Spanish and Portuguese. In: LEOW, R. P.; SANZ, C. (Ed.). **Spanish Applied Linguistics at the Turn of the Millennium**. Somerville, MA: Cascadilla, 2000, pp.174-93.

WEINREICH, U. **Languages in Contact**. Findings and problems. 6 ed. The Hague-Paris: Mouton, 1968.